DANÇA NHAMBARO NA CONTEMPORANEIDADE: PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE E MEMÓRIA CULTURAL DO POVO CHUABO

NHAMBARO DANCE IN THE CONTEMPORARY WORLD: PRESERVING THE IDENTITY AND CULTURAL MEMORY OF THE CHUABO PEOPLE

LA DANZA NHAMBARO EN LA ÉPOCA CONTEMPORÁNEA: PRESERVACIÓN DE LA IDENTIDAD Y LA MEMORIA CULTURAL DEL PUEBLO CHUABO

10.56238/IIMultiCientifica-099

Regina da Cruz Caminho Nhanengue
Doutoranda em História de África Contemporânea
Instituição: Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia na Universidade Pedagógica de Maputo
E-mail: reginacaminho@yahoo.com.br

RESUMO
A dança representa o que o povo quer que ela signifique. Neste artigo analisamos a dança nhambaro na sociedade chuabo explorando as suas transformações históricas e o papel na transmissão de valores, a relação com o Estado, a sua relação com o meio ambiente e sobretudo o lugar que esta dança ocupa na memória do povo chuabo sem deixar de fora os desafios que se enfrenta na sua preservação ou seja estudamos a evolução da dança nhambaro buscando a sua ressignificação na contemporaneidade. O estudo baseado em uma abordagem qualitativa com recurso a entrevistas semi-estruturadas a sete grupos de dança nhambaro e anciões valorizando grupos com mais mulheres revelou que esta dança que surge originalmente associado a questões de saúde da mulher tornou-se uma expressão cultural inclusiva, um instrumento de luta e educação enfrentando desafios como a globalização e o contacto com outras danças mas os que mais preocupam são o fraco investimento em grupos de dança nhambaro e a inexistência de academia de danças nacionais em Quelimane. Apesar dessas mudanças a dança nhambaro é preservada por esforços do governo por meio de divulgação e promoção em festivais e em momentos de solenidade política, os grupos de dança por sua vez a promovem mantendo viva a dança por meio de transmissão geracional envolvendo crianças aos grupos de dança nhambaro. Existe nestes grupos uma consciência sobre a relação da dança com o meio ambiente, particularmente porque é de lá onde se retiram os materiais para a produção dos instrumentos da dança. Actualmente a dança nhambaro representa um espaço de educação social, de recreação, e sobretudo um espaço seguro para desanuviar o peso diário.

Palavra-chave: Dança Nhambaro. Povo Chuabo. Identidade Cultural.

ABSTRACT
Dance represents whatever the people want it to mean. In this article, we analyze the nhambaro dance in Chuabo society by exploring its historical transformations and its role in transmitting values, its relationship with the state, its relationship with the environment, and, above all, the place this dance occupies in the memory of the Chuabo people, without overlooking the challenges it faces in its preservation; that is, we study the evolution of the nhambaro dance, seeking to redefine its meaning in the contemporary context. The study, based on a qualitative approach using semi-structured interviews

with seven Nhambaro dance groups and elders—with a focus on groups with more women—revealed that this dance, which originally emerged in connection with women's health issues, has become an inclusive cultural expression, an instrument of struggle and education that confronts challenges such as globalization and exposure to other dance forms; however, the most pressing concerns are the lack of investment in Nhambaro dance groups and the absence of a national dance academy in Quelimane. Despite these changes, the Nhambaro dance is preserved through government efforts to publicize and promote it at festivals and during political ceremonies; dance groups, in turn, promote it by keeping the dance alive through intergenerational transmission, involving children in Nhambaro dance groups. These groups are aware of the dance's connection to the environment, particularly because that is where they source the materials for making the dance instruments. Today, the Nhambaro dance serves as a space for social education, recreation, and, above all, a safe space to unwind from the burdens of daily life. Keywords: Nhambaro dance, Chuabo people, cultural identity.

Keywords: Nhambaro Dance. Chuabo People. Cultural Identity.

RESUMEN

La danza representa lo que el pueblo quiere que signifique. En este artículo analizamos la danza nhambaro en la sociedad chuabo, explorando sus transformaciones históricas y su papel en la transmisión de valores, su relación con el Estado, su relación con el medio ambiente y, sobre todo, el lugar que ocupa esta danza en la memoria del pueblo chuabo, sin dejar de lado los retos a los que se enfrenta en su preservación; es decir, estudiamos la evolución de la danza nhambaro buscando su reinterpretación en la contemporaneidad. El estudio, basado en un enfoque cualitativo y en el que se han utilizado entrevistas semiestructuradas a siete grupos de danza nhambaro y a personas mayores —dando especial importancia a los grupos con mayor presencia femenina—, reveló que esta danza, que surgió originalmente asociada a cuestiones de salud de la mujer, se ha convertido en una expresión cultural inclusiva, un instrumento de lucha y educación que afronta retos como la globalización y el contacto con otras danzas; sin embargo, lo que más preocupa es la escasa inversión en los grupos de danza nhambaro y la inexistencia de una academia de danzas nacionales en Quelimane. A pesar de estos cambios, la danza nhambaro se conserva gracias a los esfuerzos del Gobierno, que la difunde y promueve en festivales y actos de carácter político; por su parte, los grupos de danza la mantienen viva mediante la transmisión intergeneracional, involucrando a los niños en los grupos de danza nhambaro. En estos grupos existe una conciencia sobre la relación de la danza con el medio ambiente, sobre todo porque es de ahí de donde se obtienen los materiales para la fabricación de los instrumentos de la danza. En la actualidad, la danza nhambaro representa un espacio de educación social, de ocio y, sobre todo, un espacio seguro para liberarse del peso del día a día. Palabras clave: Danza nhambaro, pueblo chuabo, identidad cultural.

Palabras clave: Danza Nhambaro. Pueblo Chuabo. Identidad Cultural.

1 INTRODUÇÃO

As danças nacionais em Moçambique desempenham um papel fundamental como expressões sociais e identitárias. A dança nhambaro, especificamente ocupa um lugar de destaque na sociedade chuabo, estando presente em diversos eventos comunitários. Este estudo descreve a dança nhambaro nos dias actuais, analisando suas mudanças desde a antiguidade aos nossos dias, formas de divulgação e sua ressignificação ao longo do tempo, influenciada por contextos políticos e sociais. O estudo que foi realizado a base de método qualitativo, sustentado pela pesquisa bibliográfica e entrevistas semi-estruturadas que possibilitaram a busca de informações publicadas sobre o tema e a exploração da fonte oral respectivamente, valorizando a memória histórica assente no povo chuabo.

2 EVOLUÇÃO HISTÓRICA E RESSIGNIFICAÇÃO DA DANÇA NHAMBARO

Lyotard citado Krims (1993) defende que a dança como qualquer arte tem por finalidade fazer as pessoas sonharem, e para ele o poder político tem a possibilidade com a o recurso da arte permitir que as pessoas sonhem e realizem os seus sonhos no espaço artístico sem necessariamente concretizá-los na práctica.

Acrescenta ainda a mesma fonte (1993), a dança constituiria assim um espaço imaginário onde os sonhos se realizariam e as pessoas alcançariam assim a felicidade plena contudo apesar de permitir que isto aconteça a arte não garante a materialização, provocando assim reflexões e criando aberturas para uma variedade de perspectivas e ai o papel do poder político seria a semelhança da arte criar espaços de debates de expectativas sociais que tem a ver com sonhos sobre melhorias de determinados serviços públicos sem no entanto e potencialmente traduzidas em acções concretas.

A dança Nhambaro desde cedo foi uma forma de expressão artística que promove a inclusão social e o empoderamento das comunidades locais.

Por sua vez Santos (2019), vê a dança como instrumento de fortalecimento da identidade cultural, contribuindo para o orgulho e autoestima dos participantes.

Originalmente executada entre os povos Chuabos, Nhambaro ou Nhambalo é uma dança de conteúdo e significados profundos, praticada numa vasta zona da baixa Zambézia que compreende os distritos de Quelimane, Namacurra, Inhassunge, Mopeia, Morrumbala, Chinde e parte de Mocuba. (OMACHI, 2010).

Segundo um inquérito levado a cabo pelo Serviço Nacional de Museus e Antiguidades (1982), Nhambalo é uma dança muito antiga praticada em todo distrito de Quelimane. Antigamente era executada só por mulheres passando agora a ser executada por todos – Homens, Mulheres e Jovens.

Por sua vez o sítio www.portaldamusica.org.mz consultado em 06 de Setembro de 2023, 13:05 minutos, defini Nhambaro,

> (...) uma dança de conteúdo e significado profundo, praticada numa vasta zona sul da Zambézia que compreende os distritos de Quelimane, Namacurra, Mopeia, Morrumbala, Chinde, e uma parte geográfica de distrito de Mocuba. Descrita como uma dança muito antiga com carácter ritual e associada às cerimónias dos rituais de iniciação feminina. Embora na actualidade a realização das cerimónias da iniciação feminina não tenha a mesma frequência, ainda se podem observar praticas baseadas nas suas bases rítmicas. O Nhambaro caracteriza-se basicamente por ser uma dança contagiante e alegre e essencialmente executada por mulheres, sendo tradicionalmente dançada por duas pessoas de cada vez no meio de um círculo de dançarinos. A canção é acompanhada pelo bater rítmico das palmas ou de pequenas tábuas, que pode ser auxiliada por tambores, o Gogo e Namirrebele. Os instrumentistas desta dança antigamente eram homens iniciados, sendo num total de três consoante os instrumentos. Actualmente adquiriu várias transformações dependendo da região que ela é praticada.

Etimologicamente nhambaro provém da palavra em chuabo ‘‘*barro”* que significa costela, então nhambaro é aquilo que dói de baixo do ventre e liga com a costela. (GDCMN, 2025 entrevista realizada em Maio de 2025)

Para a mesma fonte, nhambaro era tida como uma doença que a mulher sempre sofreu, que fazemos menção que é apendicite nos dias de hoje, e antigamente consoante a temperatura a mulher sofria muito pelas dores desta doença ao longo do baixo do ventre. E como doía muito e as pessoas eram chicoteadas no tempo colonial, com as dores que sentiam e relacionavam as dores dos chicotes com a dança então diziam, isto “é, nhambaro”. Portanto, nhambaro é uma doença tradicional que as mulheres sofriam, e actualmente nhambaro é uma que deixou de ser de sofrimento para uma dança de alegria, e é o cartão-de-visita de Quelimane.

Questionados sobre a percepção do grupo sobre a dança nhambaro, o GDM (2025), respondeu que, Nhambaro antigamente era considerada nome de doença e era dançada para aliviar as dores de nhambaro, após a prática da dança a doente sentia um pouco de alívio aqui (apontando no baixo-ventre).

‘‘Eu estava doente, dancei e me senti aliviada como se tivesse tomando algum medicamento.’’ Disse-nos a nossa entrevistada GDM (2025).

Esta dança Nhambaro já era dançada antes do período colonial pelos mais velhos, nesta altura havia também outras danças como ramborombo e mutengo em que as crianças e homens também dançavam. (GDM, entrevista de Maio de 2025).

Nhambaro ou mesmo nhambalo em língua echuabo significa doença comparada ao corrimento que aflige as mulheres e afecta o baixo-ventre, caracterizada por uma dor intensa quase que comparável a dor de parto, na interpretação local afecta apenas as mulheres e era caracterizada por dores abdominais, cujo tratamento passava pelo ritual de dança nhambaro.

Assim, dançar nhambaro era inicialmente considerado como um tratamento a doença que afecta as mulheres, passando a ser mais tarde usado também em ritos de iniciação feminina como forma de prevenir a mulher sobre a doença que as afligia mulheres.

A Dança Nhambaro aparece, portanto inicialmente na historiografia zambeziana associada a questões de saúde da mulher. Como processo terapêutico para curar uma doença que afligia as mulheres, e, era dançada por mulheres em lugares restritos na companhia das matronas que conheciam os contornos da cura desta doença.

Segundo o entrevistado (GDTV, Maio de 2025), no princípio a dança nhambaro era realizada por mulheres as chamadas "*nhanis, sinharas, nhamucobwes*".

As Nhanhis, Sinharas ou Nhamucobwes eram jovens e senhoras da classe alta da sociedade, sendo filhas ou esposas ou ainda mulheres que cercavam os chefes locais.

Omachi (2010), conta-nos que, Nhambalo é uma dança ritual, integrada nas cerimónias dedicada à iniciação da rapariga. Também esta dança era usada no tratamento e cura da doença feminina mais conhecida na altura por corrimento que em linguagem tradicional chamavam *nhambarro*. Devido ao seu significado e carácter, conseguiu conservar-se até o momento, embora várias alterações se tenham registado.

Fica explicito que, a dança nhambaro surge intimamente ligada a questões de saúde da mulher, e de ritos de passagem como o de casamento ou de iniciação e foi durante algum tempo assim tratada, até surgir um novo contexto que obrigou esta dança a se reinventar. E sobre ele falaremos mais adiante. Fica então patente que neste caso as mulheres estavam no cimo de toda a narrativa sobre a dança nhambaro que se realizava para curar a nhambaro, ou para representar que a mulher estava bem preparada para a vida a dois que o casamento representa.

Nhambaro também passou a ser dançada no âmbito do casamento tradicional, acompanhando a cerimónia *othithia* que acompanha este ritual, era realizada em casa dos pais da rapariga, ela era

dirigida por uma curandeira. A rapariga era preparada para a vida conjugal, instruída e esclarecida dos seus deveres como esposa e as privações das quais desde então seria submetida. Participavam desta cerimónia jovens e mulheres já iniciadas. A cerimónia *othithia* culminava com a união dos jovens cônjuges seguindo posteriormente um grande banquete festivo com manjares e melhores iguarias de então. (OMACHI 2010 p.2).

Segundo Silva (2020), a dança Nhambaro tem suas raízes em rituais tradicionais e celebrações comunitárias. No passado, era realizada principalmente durante festivais religiosos e eventos importantes, transmitindo histórias, valores e tradições ancestrais. Com o passar dos anos, a dança passou por adaptações e incorporou influências contemporâneas, refletindo as transformações sociais e culturais da comunidade.

Enquanto Silva (2020) destaca as raízes em rituais tradicionais por outro lado, Machado e outros (2018) destaca que a dança Nhambaro vem passando por um processo de revitalização e resgate nos últimos anos. Esforços estão sendo feitos para preservar e promover essa expressão cultural, por meio de acções como oficinas de dança, festivais locais e projetos de valorização da cultura local.

Segundo Pereira (2019) a dança Nhambaro possuí uma rica carga simbólica e significados profundos para a comunidade local. Ela é considerada uma forma de comunicação não verbal, através da qual os dançarinos expressam suas emoções, contam histórias e reforçam os valores culturais.

Apesar de pequenas divergências os autores Silva (2020), Machado e outros (2018) destacam que é importante observar que a evolução da dança Nhambaro também é influenciada por factores externos, como a globalização e a modernização. A introdução de novos estilos de dança e influências culturais de outras regiões pode afectar as características tradicionais da dança Nhambaro.

A nossa entrevistada GDCMN entrevistada em Maio de 2025, refere que a dança nhambaro, deixa de ser dançada apenas no contexto terapêutico no contexto da relação que existia entre a escravatura e a dor. Primeiramente usada para os ritos de iniciação, depois com a dor que sentiam buscavam e a relação do sofrimento com a escravatura, o trabalho forçado ou outros constrangimentos gerados pela gestão colonial, mesmo tristes usavam a dança para contestar, portanto, surge como dança pública no âmbito da contestação do sofrimento a gestão colonial portuguesa em Moçambique.

A dança nhambaro, desempenha um papel muito importante para a sociedade chuabo pois em qualquer evento onde há *Achuabos*[1] há dança Nhambaro. Entretanto, ajuda também na mudança do comportamento pelas transmitidas através dos cantos, (GDNMN, 2025).

[1] Povo chuabo

3 O PAPEL DA DANÇA NHAMBARO NA CONTEMPORANEIDADE: RELAÇÃO COM O ESTADO E FORMAS DE DIVULGAÇÃO DA DANÇA NHAMBARO

Machado e outros (2018) destaca que a dança Nhambaro vem passando, por um processo de revitalização e resgate nos últimos anos. Esforços estão sendo feitos para preservar e promover essa expressão cultural, por meio de ações como oficinas de dança, festivais locais, nacional e projetos de valorização da cultura local.

A dança nhambaro para a sociedade chuabo representa o espaço da mulher, a possibilidade de esta explorar o meio para se expressar livremente. A Dança nhambaro, como vimos, surge intimamente ligada a questões de saúde da mulher e pouco a pouco este sentido de pertença apenas da mulher foi se alterando.

A nossa entrevistada referiu que ‘‘a*ctualmente as mulheres procuram a dança nhambaro como terapia, uma vez que a dança é terapia, um meio de distração dos problemas do dia-a-dia e porque a dança nhambaro é bonita é também pela beleza da dança*”. – (ECDMN,2025)

Igualmente vimos que, apesar de ter surgido intimamente ligada a saúde da mulher ela apresentou-se na história e na memória do povo chuabo com mensagens diferentes. Antes dançada com canções sobre a saúde da mulher e sem a presença masculina, depois dançada por senhoras da corte entre os povos chuabo, no período colonial reinventa-se com a presença masculina e com canções com mensagens de lamentações e de repúdio ao governo colonial, na actualidade com mensagens bastante distintas, mas sempre associadas as situações sociais ou políticas.

A mulher abre mão desta dança que era apenas dela para partilhar com os homens e muito mais de que isto para pertencer a todos, dançada também em momentos de alegria e não apenas em momentos de enfermidade.

Como nos contou o nosso entrevistado, EDPCTZ, 2025

“a minha avó sofria de Matoa e na última fase da sua vida foi dançada nhambalo assiste que as pessoas que tocavam batuque eram mulheres, nessa altura não havia presença de homens se houvesse homem talvez era para coordenar e não sei dizer por que razão se introduz a presença dos homens como instrumentalistas.”

Esta abertura embora pacífica significou a perca da hegemonia da mulher nesta dança e sobretudo a perca da continuidade singular do seu papel na história desta dança, significou a perca identitária da dança e ganho da mesma para o povo Chuabo, isto é, a dança perde as características originarias, no entanto, a dança passa ao pertencimento geral de um povo sem discriminação de sexo.

Nhambaro deixa de ser dançado apenas como parte da solução de um problema de saúde da mulher para ser uma dança de diferentes momentos.

As formas de transmissão geracional da dança é dos mais velhos para os mais novos o que permite o rejuvenescimento desta dança, na comunidade as mamanas levam as crianças para esses eventos de manifestação artística da dança nhambalo e as crianças sentem-se conectadas enquanto vão crescendo levam essa dança e vão praticando passando assim de uma geração para outra.

O GDNS, 2025 explicou que inicialmente os mais novos assistem a actuação dos mais velhos dançando nhambaro, ou seja, a forma de transmissão da dança é a partir da observação, só depois é que os mais novos aprendem através do convite dos mais velhos no local da dança.

O envolvimento de pessoas de diferentes faixas etárias foi constatado pela observação durante as entrevistas. Todos os grupos de dança Nhambaro por ontem passamos são compostos por pessoas de diferentes faixas etárias, vemos crianças, adolescentes-jovens e os mais velhos. Nota-se inclusive um carinho especial quando se dirigem as crianças, falam com elas com carinho e em caso de falhas corrigem de forma dócil que passa despercebida a correção que terá se feito a uma criança por fazer uma entrada ou giro desfasado.

Se por um lado os grupos de dança se esforçam a integrar as crianças e adolescentes nos grupos de dança garantindo assim o rejuvenescimento ou vitalidade da dança, por outro lado o governo representa um papel crucial neste processo promovendo este património cultural, mobilizando espaços para a manifestação dela.

A relação com o Estado é manifesto não apenas nos esforços do governo para a divulgação e preservação da dança, mas nas narrativas oficiais sobre o papel da dança e o espaço dado na história nacional.

As danças nacionais foram e continuam sendo tão importantes como qualquer expressão social. A narrativa construída sobre o nacionalismo moçambicano deu espaço aos artistas (escritores, artes plásticas, músicas e danças). Construiu-se no pós-independência a narrativa de um contributo especial da parte dos artistas, contudo a dança foi tão importante quanto a guerrilha.

Embora, haja narrativas construídas sobre o papel dos artistas e da dança para o nacionalismo angolano e de africano em geral, os espaços dessas narrativas aparecem secundarizados na história nacional enaltecendo-se a diplomacia e a guerrilha.

Os artistas (entenda-se aqui todos os fazedores da cultura com especial atenção aos grupos de danças), queixa-se de aproveitamento político em que, as entidades governamentais e outros grupos

políticos procuram os artistas em tempos eleitorais, que terminado este período os deixam alheios a própria sorte.

Em entrevista aos órgãos distritais e da província que lidam directamente com os grupos de dança e de nhambaro explicam que um dos maiores constrangimentos para a transmissão e a divulgação da dança nhambaro é a inexistência de uma académia de danças.

Na percepção de EDPCTZ, 2025

> Após a independência apesar de se ter realizado festivais de dança, em que a dança nhambalo esteve presente, verificamos que algo deve ser feito a mais. Para a nossa província precisamos de uma academia de danças tradicionais pois que uma academia dá visibilidade qualquer actividade cultural então esta faltar alguma coisa que vai massificar as actividades de danças tradicionais, é também um atrativo turístico, um turista pode vir e depara-se com uma dança tradicional e dizer que quer aprender e é nas academias de danças tradicionais que estariam se ensinando as danças tradicionais, temos profissionais formadas mas não temos absorção o que fragiliza ainda mais os fazedores das artes e culturas.

Moçambique proclamou a independência nacional, a 25 de junho de 1975, três anos depois isto em 1978 foi realizado o primeiro movimento cultural de dimensão nacional com a denominação de Iº Festival Nacional de Dança Popular.

> O Festival Nacional de Dança Popular, foi considerado, na altura, o maior acontecimento histórico cultural, no qual participaram 600 artistas e exibidas 60 danças. O festival visava, dentre vários objectivos, reafirmar a necessidade de revolução cultural como factor decisivo de transformação da sociedade, como exigência do processo de transição para o socialismo, reforçar as bases materiais e culturais da Unidade Nacional; Promover o conhecimento da riqueza e diversidade do nosso património cultural; manifestar a nossa decisão inabalável de combater todas as formas de divisionismo, tribalismo, regionalismo, racismo e elitismo; Desenvolver a consolidação da personalidade moçambicana. (DOVE E OUTROS, 2016:6)

Este festival representava sobretudo a abertura do governo em resgatar e revitalizar a cultura nacional extremamente abalada pelo colonialismo.

No seu discurso de ocasião, o então presidente da República, Samora Moisés Machel, afirmou que a "A nossa cultura é como o sol que nunca desce" (DOVE E OUTROS, 2016:7)

O primeiro Festival Nacional da Dança popular (FNDP) realizado de 17 a 24 de Junho de 1978 constituía parte de um conjunto de acções desenvolvidas pelo governo na promoção da cultura local, que se destacam a criação da Companhia Nacional de Canto e Dança em 1977, o Arquivo do património cultural (ARPAC) de forma embrionária em 1978 como uma campanha de nacional de preservação cultural, (DOVE E OUTROS, 2016).

Mais tarde de 27 de Dezembro de 1980 a 03 de Janeiro de 1981 foi realizado o primeiro festival Nacional de Canção e Música Tradicional em que a senda das abordagens continuava o resgate e reavivamento das tradições culturais, mas sobretudo na oportunidade de passar o legado a nova geração, (DOVE E OUTROS, 2016).

Com a intensificação da guerra em Moçambique os festivais conheceram uma interrupção e só voltaram a ser realizados em 2002 precisamente de 04 a 06 de Outubro e contou a com a presença de Joaquim Chissano, Presidente da República neste período. Renamo Afonso Dlhakama líder do partido da oposição, corpo da Paz e convidados dos países vizinhos, quando o País celebrava 10 anos da assinatura dos Acordos Gerais de Paz.

O II Festival de Canção e Música Tradicional foi realizado em 2006 na Província de Cabo Delgado e em 2008 já com uma nova imagem o Festival Nacional da Cultura foi realizado em Gaza de 11 a 18 de Julho de 2008 com a presença de Armando Guebuza, Presidente da República. Foi o festival com mais artistas contavam-se 800 artistas participantes. Este número de artistas foi crescendo em todos os festivais que se seguiram, em 2012 de 11 a 15 de Julho realizou-se na Província de Nampula e participaram cerca de 2.000 artistas, (DOVE E OUTROS, 2016:11)

A Nível das províncias realiza-se festivais de preparação ao festival nacional, nestes desfilam os vários grupos de danças e outras actividades culturais e por meio de critérios já definidos são feitas eliminatórias até se acharem os grupos que representam a província.

Os órgãos de comunicação social têm sido os parceiros do governo na divulgação cultural, por meio de programas específicos e não só fazem a divulgação desta.

Para o caso da dança nhambaro de forma particular as formas de divulgação passam pelas formas dependente das iniciativas locais. Em que a comunidade por iniciativa própria o faz aos mais novos por meio de cerimónias de casamentos, ou miserere (cerimónias de luto). Os grupos de dança têm se esforçado neste quesito, usando recursos próprios para captar imagens e divulgar nas redes sociais.

As vezes aparecem iniciativas singulares que fazem a promoção, gravando e publicando as imagens dos grupos de dança, mas, reina alguma desconfiança sobre estas iniciativas quando não partem dos grupos de danças. Estes desconfiam que lhes roubam as imagens para obter lucros financeiros a página de quem faz a captação destas imagens, contudo, os grupos não proíbem porque entendem que ganham promovendo a sua dança e cultura permitido que por meio destas páginas os mesmos sejam convidados a participar de apresentações como casamentos.

3.1 RELAÇÃO HOMEM/MULHER

Em algumas culturas, certos géneros musicais e certos instrumentos de música são reservados aos homens, outros as mulheres, outros ainda podendo ser praticadas pelos dois sexos. O mesmo acontece com a dança.

No que toca a relação homem/mulher na dança nhambaro, como vimos anteriormente é bastante harmoniosa, apesar de ser composta maioritariamente por mulheres a dança nhambaro, a presença masculina é apreciada e muito acarinhada, são os homens que frequentemente tocam os batuques, mas também dançam. Com um gingado que não passa despercebido os bailados dos homens dão um toque especial a dança nhambaro.

Os homens muitas vezes aparecem nos grupos de dança como dançarinos, instrumentalistas e líder de grupos. Uma coisa que chamou a atenção da nossa observação é que nestes grupos assistidos, os homens até podiam fazer papel de líder de grupo mais não fazia o papel de rei, diferente do que acontece com a mulher, se ela é líder automaticamente também é rainha. A rainha é aquela que dá início a dança.

Quando as diferenças estilísticas entre os movimentos corporais dos homens e das mulheres são marcadas pela tradição, podemos observá-las bem durante uma dança executada ao mesmo tempo pelos dois sexos. Entre os polinésios das Ilhas Tonga, os gestos da dança *lakalaka*- viris e vigorosos para os homens, doces e graciosos para as mulheres. (CAMARGO 2013:41)

Krims (1993) fala de uma possibilidade de resinificação da música associada a forma como são dançadas e a sua integração em diferentes contextos sociais. Corroborando com Krims, a história da dança nhambaro mostra-nos como é aplicável a ideia trazida por Krims e outros autores na obra *Music/Ideology: Resisting the aesthetic*, de facto, a dança nhambaro tal como conhecemos hoje é diferente da dança nhambaro practicada antes da presença colonial.

Assumimos que o colonialismo gerou a sua influência neste processo de transformação, mas não foi o único factor.

A dança que surgiu como resposta a um problema de saúde da mulher e que tinha a mulher como único género envolvido, hoje é dançada como entretenimento e em cerimónias locais e nacionais.

A diferenciação sexual é particularmente contrastada, tanto no aspecto visual da dança (figurinos, movimentos) quanto no seu simbolismo, tal como ocorre em um ritual dos Yafar da Papuásia Nova Guiné. O deslocamento das mulheres, agitando lateralmente suas saias de fibra vegetal,

contrasta com o balanço vertical do estojo peniano na cabeça que bate ritmicamente na cintura dos homens, (KRIMS, 1993:41).

3.2 RELAÇÃO DANÇARINOS E A PLATEIA

Os movimentos, gestos e ritmos da dança nhambaro carregam mensagens e simbolismos específicos, conectando os dançarinos e o público em um nível mais profundo, simplista, porém carregado de significados, a terra estremecendo pelos movimentos dos dançarinos e dos batuqueiros, a alegria abundante é um sentimento que conecta os dançarinos com a plateia.

A relação que se estabelece entre os dançarinos e a plateia é de ligação muito interpessoal, a dança nhambaro é aglutinadora, a plateia pode misturar-se a imitar os movimentos dos dançarinos, porém quem dança estabelece uma relação de proximidade muito íntima com a plateia que assiste, trocam sorrisos quando a mensagem da canção assim permitir. Os gestos e movimentos apesar de muito relacionados com a mensagem que se pretenda passar há uma interação forte com a plateia, troca de olhares encantadores e sorrisos abertos.

Desde criança os professores de dança nhambaro me ensinaram que a dança nhambaro é de contacto, por isso sempre que danço faço questão de olhar para a plateia a sorrir e por mais que a mensagem seja de dor não fico muito séria como se estivesse zangada. A plateia deve sair do espetáculo feliz e não mais triste, (GDMN, 2025).

Para as danças africanas no geral a relação entre os dançarinos e a plateia estabelece-se de forma muito intensa, muitas vezes a plateia pode intervir e dançar com o grupo.

Na canção Cacilida thxamuromo que na tradução literal significa Cacilda bocuda, retrata uma vizinha problemática que vive criando intrigas e que no actual bairro ou comunidade estão fartos do comportamento dela inclusive teve quem foi investigar o seu comportamento em outros bairros e se diz que onde ela vivia também estão fartos das intrigas dela tanto que não querem saber dela. Embora seja um tema social de convivência entre a vizinhança na dança o contacto com a plateia faz acender uma luz quase que mágica, entre sorrisos e olhares radiantes como se denunciasse que sempre existe uma Cacilda na vizinhança, mas que nunca somos nós.

- Cacilida thxamuromo he he he Cacilida thxamuromo aliba murudha obule kaloguile na iyo

3.3 TRADUÇÃO PARA PORTUGUÊS

Cacilida bocuda he he he

Cacilida bocuda moradores daquele bairro já falaram connosco.

Esta canção que chama a atenção sobre as relações de vizinhança, da necessidade de preservar as relações com os vizinhos visto que, o vizinho é o primeiro socorro.

As canções produzidas maioritariamente pelos grupos de dança nhambaro, são partilhadas entre uns grupos e outros espalhando-se assim pelos grupos podendo ser encontradas cantadas em diferentes grupos de dança nhambaro, não existe uma espécie de direitos autorais sobre estas canções que podem ser dançadas, cantadas e readaptadas por outros grupos de dança nhambaro.

3.4 RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE

Os dançarinos demostram consciência na relação que se estabelece entre a dança nhambaro e o meio ambiente. Para a dança utilizam-se tábua e os batuques são normalmente adquiridos a um preço que varia dentre 3500 a 5000 meticais. E estes são feitos de madeira de coqueiro ou de salgueiro.

O Salgueiro cresce na zona do mangal e é um tipo de arbusto que deve ser preservado pois que ajuda a proteger o mangal, a consciência sobre este material fez com que se abrandasse o uso deste material para a produção dos batuques para se dançar nhambaro, passando, portanto, a usar o coqueiro e outros tipos de madeira.

Por volta do ano 2000, o coqueiro começou a enfrentar uma doença denominada amarelecimento letal do coqueiro que levou a morte de cerca de 60% dos coqueiros da Zambézia, esta doença que é manifesta por amarelecer as folhas do coqueiro que depois secam e caem murchas sobre o tronco, os frutos neste caso os cocos também caem antes de amadurecerem.

Por conta desta doença os fazedores da dança nhambaro passaram a usar mais frequentemente estes coqueiros doentes como forma de os reaproveitar. Claramente este coqueiro doente tem outras finalidades dentro o povo chuabo como edificação de casas, construção de bens entre outros.

*"*Com a escassez das madeiras como a do coqueiro o grupo apela pelo plantio destas, visto que o grupo usa principalmente a madeira de um coqueiro em reaproveitamento e não em vida*"*. (GDNM, 2025).

Acrescenta ainda GDNM (2025), que como produtor de batuques, ensina aos seus filhos a produzir o batuque como forma de transmissão de conhecimentos para a nova geração, assim, como o seu Pai o ensinou. Na produção dos batuques com a madeira de coqueiro faz-se reaproveitamento da madeira, ou seja, não se corta a árvore com a pura intenção de extrair a medeira para fazer coqueiro.

Embora não seja frequente a produção dos batuques pelos grupos de dança, encontramos no grupo de dança do Posto Administrativo número 3 a presença de um productor e vendedor. E ele explica que antes usavam a madeira extraída do salgueiro, contudo actualmente este arbusto ficou raro e é proibido o corte. O Salgueiro foi retirado do mangal para a produção de carvão para a cozinha, construção de casas, etc tornando assim mais raro. O coqueiro enfrenta o amarelecimento do coqueiro que é uma praga que afecta o coqueiro desde a 1ª década do século XXI.

Os grupos referem ainda que, incluem nas suas canções mensagens sobre o desmatamento do mangal, e vários problemas ambientais que afectam o distrito e o País, pois, entendem que a dança ensina e educa a sociedade e que todas as mensagens que transmitem pelas suas canções tem acima de tudo um fim educativo, pode estar direcionado aos governados ou aos que governam, mas o fim é sempre educar.

A influencia do Nhambaro na sociedade tem a ver com o legado, os nossos avós praticaram e deixaram ficar o seu legado e o governo nas suas decisões souberam melhor encaixar as suas politicas para dar visibilidade mas também para permitir que esta dança continue no tempo, significa que se tu tomas uma decisão que vai beneficiar praticantes de uma determinada dança então significa que aquela manifestação artística cultural é uma identidade que tem que ser preservada então eu acho que esta podia ser uma das influencias que sempre foi valorizada quer no contexto do capitalismo, assim como no socialismo ela sempre esteve lá e até hoje continua lá sendo valorizada como manifestação cultural.

‘‘Actualmente as mulheres procuram a dança nhambaro como terapia, uma vez que a dança é terapia, um meio de distração dos problemas do dia-a-dia e porque a dança nhambaro é bonita é também pela beleza da dança’’. – (EDCMN, 2025).

O nhambaro hoje tem o papel é preservar os hábitos e costumes das nossas comunidades também transmitir esses bons a hábitos para as novas gerações porque essas danças transmitem uma mensagem contextualizada.

As nossas escolas, as escolas primárias, os nossos alunos, não tem um espaço de aprendizagem da cultura local nas instituições formais, nós falamos da cultura local, nos falamos do currículo local, mas eu sinto que ainda não estão lá os nossos professores capazes de transmitir aquilo que é o desejado para que um aluno possa evoluir respeitando, valorizando e sabendo qual é a sua identidade cultural então eu acho que esta a faltar essa componente, a pessoa atinge a 12ª classe mas o seu berço, ele não aprende por exemplo a história do nhambalo.

4 CONCLUSÕES

A Dança Nhambaro foi se ressignificando ao longo dos tempos, esta dança surge directamente ligada a saúde da mulher, isto é, era parte de tratamento de uma doença que afligia as mulheres, com a intensificação das perversidades da gestão colonial portuguesa em Moçambique e a proibição destas manifestações culturais, a dança passou a ser praticada por mulheres que circundavam os grandes líderes locais nas cerimónias de iniciação feminina. Contudo, na clandestinidade era usada passando mensagens de revolta e de sofrimento. Passando assim a ser dançada por mulheres e homens. No período pós-independência, era necessário que a tribo morresse para que surgisse a nação, embora não se tratasse de uma morte física, era necessário que se enaltecessem os feitos que engrandeceriam a nação, neste contexto algumas danças foram sobrevalorizadas e outras formas marginalizadas e este caso da dança nhambaro. Contudo apesar dessa necessidade de matar a tribo, foram promovidas danças nacionais por meio dos festivais da cultura a todos os níveis desde os distritais até o nacional. Actualmente dançar nhambaro significa preservar, valorizar a cultura, mas para a mulher tem um significado mais profundo é lugar de escape, onde a mulher busca desanuviar as cargas diárias. O Povo Chuabo residente em Quelimane, apoia na promoção e preservação fazendo a inserção dos mais jovens nos grupos de danças, a custos próprios promovam vídeos sobre a dança a traves de iniciativas individuais, contudo ressentem-se da falta de academia de danças nacionais para permitir a integração de quem se interessa por esta dança. A inserção de conteúdos sobre as danças nacionais no currículo escolar, apoio aos grupos de danças nacionais.

REFERÊNCIAS

1. CAMARGO, Guiselle Guilhon Antunes (org). Antropologia da Dança I, Florianóipolis: Insular 2013

10. SILVA, A. Manifestações culturais na cidade de Quelimane: A dança Nhambaro. Revista de Estudos em Humanidades, 1(1), 89-105, 2020

11. www.portaldamusica.org.mz consultado em 06 de Setembro de 2023, 13:05 minutos.

12. Cliff Fahardine, chefe do Departamento da indústria cultural e criativa da Direcção Provincial de Indústria e Comércio da Zambézia, entrevista realizada em Quelimane no âmbito da elaboração da tese em Maio de 2025 (GDCMZ)

13. Carlos Muiessa mais conhecido por Nabota, 55 anos de idade, natural de Quelimane, exerce a função de batuqueiro e produtor de batuques. Ele exerce esta actividade a 41 anos, entrevista realizada em Quelimane no âmbito da elaboração da tese em Maio de 2025 (GDMN)

14. Ernesta dos Santos Elias, de 36 anos de idade, natural de Quelimane, formada em dança pelo ISARC, dançarina e membro fundador da Companhia Nacional de Dança Namúli, residente no Bairro Coalane 2º. entrevista realizada em Quelimane no âmbito da elaboração da tese em Maio de 2025 (GDNM)

15. Marta Lobo Xigona de 63 anos nascida a 13 de Abril de 1962, nascida em Inhassunge, dançarina desde aos 18 anos com experiência de cerca de 45 anos como dançarina, residente no bairro 7 de Abril, entrevista realizada em Quelimane no âmbito da elaboração da tese em Maio de 2025 (GDNS)

16. Inquérito sobre danças tradicionais arquivo Arquivo. Serviço Nacional de Museus e Antiguidades (1982).

2. _____ Antropologia da Dança II, Florianópolis: Insular, 2015

3. DOVE, Roberto, Mapiko: Repertório de Valores e Tradições Culturais, Ministério da Cultural e Turismo, Maputo, 2019.

4. DOVE, Roberto e outros. (2016). VIII Festival Nacional da Cultura. ARPAC, sem local.

5. KRIMS, Adam (org.) Musicidiology: Resisting the aesthetic, GB Arts, 1993.

6. MACHADO, R., E OUTROS. Preservação cultural e revitalização da dança Nhambaro em Quelimane. Anais do Congresso Internacional de Educação e Cultura em Espaços Não-Formais, 3(1), 120-129., 2018.

7. OMACHI, Kayo. Levantamento das danças tradicionais da Zambézia, Quelimane: Casa Provincial da cultura da Zambézia, 2010.

8. PEREIRA, L. Non-Verbal Communication in Nhambaro Dance: An Analysis of Gestures and Movements. Journal of Cultural Anthropology, 2019.

9. SANTOS, L. Dança Nhambaro e a valorização da cultura local em Quelimane. Cadernos de Cultura e Artes, 4(2), 78-92, 2019.

